



Director literario:

*Augusto de Santa Rita*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Malta*  
PAPUSSE



Por AUGUSTO DE SANTA RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

Com um lenço molhado na límpida água dum riacho que perto corria, Rapina, semi-joelhado, reanimava Milita, re-frescando-lhe as fontes a latejarem febrilmente agora. Com a cabeça apoiada na jaleca de briche que Rapina despira e cuidadosamente, colocara à laia de travesseiro, esfregava instintivamente os olhos, como se diligenciasse acordar dum pesadêlo horrível.

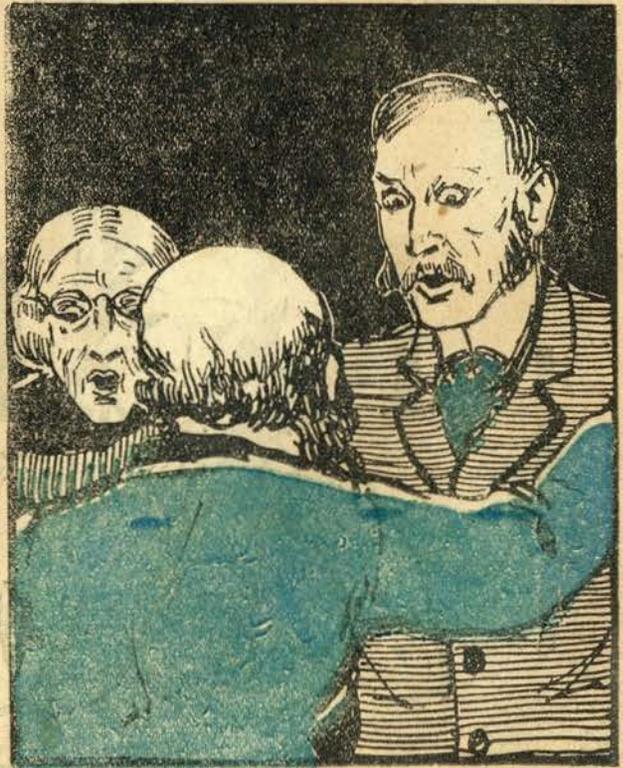
Rodeada pelos bandidos, já despojada dum colar de pequeninas pérolas e de duas pulseiras que trazia quasi sempre consigo, Milita, finalmente consciente, fixava, agora, apavorada, as duras, sombrias e ferozes expressões dos saltadores, a contrastarem com a de Rapina que, embora com o mesmo aspecto exterior, tinha, contudo, no rosto um vago ar piedoso e uma doce ternura a reflectir-se no olhar.

Os compassivos modos de Rapina, a doçura da sua voz murmurando: — «*sosegue, sossegue; ninguém lhe fará mal*» tranquilisaram-na um pouco. Mas, de quando em quando, mirava de soslaio, assustada, qual ave presa num laço, os restantes bandidos de carrancudo aspecto que, dentro da barraca entreaberta, miravam e remiravam o pequenino colar e as duas pulseiras de Milita.

O níveo luar, que uma densa nuvem havia há pouco encoberto, de novo irradiava a sua luz suavíssima, iluminando de chofre o deslumbrante perfil de Milita, cuja beleza sem par subjugava e vencía o coração mais duro ou o olhar mais gélido, onde a preversão não houvesse ainda totalmente perdido a alma para a conquista do Céu ou redenção do Inferno.

Olhando-a, surpreso, Rapina esboçou, vagamente, um enleado sorriso. E ante aquela expressão tão natural, tão franca, Milita, confiadamente, balbuciou, confusa:

— «*Foi também assaltado?! Caiu, também, como eu, em poder dos bandidos?! Que havemos nós de fazer para fugir daqui?!*»



(Continua na pagina 4)

# OS DOIS PAGENS

## DE SOFILENA

Por Fernando A. Simões  
Desenhos de Eduardo Malta

CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

Como já sucedera com os outros, os tigres, atemorizados ainda com o ruído, recuaram.

Em dois saltos, Fausto apanhou-se no meio déles; puxou da sua espada, e com a fôlha, não com o gume, atirou-lhes vigorosas pancadas.

Os tigres rugiram de fútor... As garras estenderam-se-lhes... Os olhos fâscentes de cólera e o corpo baixado atrás e levantado adiante, indicavam claramente que se preparavam para saltar, a fim de despedaçarem o atrevido.

Fausto relanceou por êles um olhar de amargo triunfo, e voltando-se para a tribuna real, exclamou com voz sonora, que Sofilena ouviu distintamente:

— *Princesa! Aquele dos vossos dois pagens que, por amor de vós, afronta mais indiferentemente a morte, vê-de... sou eu!*

E, dizendo isto, o melancólico pagem partia violentamente nos joelhos, a sua magnífica espada!

Um formidável grito de horror, feito pelos gritos de milhares de pessoas, se elevou nos ares.

Intensamente pálida, Sofilena levantara-se, e procurava conter com a mão as pancadas desordenadas do seu coração.

Alguns dos mais valentes, dentre os espectadores, corriam precipitadamente pela arena, em direcção à jaula; levando nas suas espadas o socorro de que Fausto carecia.

Muito tarde, porém.

Os tigres, quasi ao mesmo tempo, haviam saltado todos sobre o pagem, que não fez o mais pequeno movimento para se defender.

As garras das cinco feras cravaram-se-lhe nos ombros, nas costas, nas pernas...

... O sangue corria em borbotões, e os tigres ferozes, sanguinários, rugindo de satisfeito furor, mordiam, arranhavam, trituravam, o corpo do taciturno pagem.

E quando o primeiro espectador conseguiu chegar junto da jaula, constatou mudo de horror, que, daquele que fôra o denairoso pagem Fausto, nada mais restava do que uma informe, esfacelada massa, que os tigres, satisfeitos, jubilosos, — mordiam e arranhavam ainda...

Contam velhos documentos encontrados nos arquivos d'êste reino que, alguns meses após o trágico acontecimento que acima descrevemos, a princesa Sofilena desposou o louco pagem Fernando.

No entanto, dizem-no ainda os documentos, várias vezes surpreendem os estranhos os dois conjuges suspirando tristemente.

É que ao antigo pageminho não lhe saía nunca da cabeça o sacrificio a que Fausto se votara para êle ser feliz, e Sofilena, a linda Sofilena, não podia esquecer-se também de que jurara desposar aquele que, por amor dela, mais indeferentemente arriscasse a vida, jura essa que afinal não cumprira.

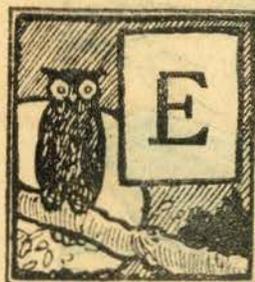
Por isso, quantas vezes Fernando, a quem ela ama sinceramente, a surpreende, suspirando de amor por aquele que, em vida, fôra o triste mas cavalheiresco Fausto.



# ■ A Ilha ■ Dejanira

: POR ANA PINA :

Desenhos de Eduardo Malta



RA uma vez um rei que tinha uma filha a quem adorava sobre todas as coisas. A princezinha chamava-se Darioleta. Viviam num castelo muito alto situado no cume duma escarpada penedra. O mar, como uma imensa toalha de esmeraldas e prata, rodeava aquele agrupamento de rochas, sobre as quais se erguia o castelo, belo e magestoso. Se os meninos recorrerem aos seus conhecimentos geográficos,

logo perceberão que se trata duma ilha. Efectivamente, o rei Humberto, vivia desterrado naquela ilha, com sua filha e alguns nobres dedicados. Seu cunhado, o duque Herman, mercê de torpes intrigas e traições, conseguira usurpar-lhe o trono. Tão vil procedimento causara a morte à sensível rainha Dejanira, irmã de Herman, e o infeliz rei, destronado e viuvo, foi obrigado a recolher àquela árida ilha, à qual deu o nome de sua esposa, tão amada.

Herman tinha um filho que adorava. Por aquele filho, para que êle fosse um dia rei, destronara o cunhado, causara a morte à irmã e apunhalara a esposa, a loira e formosíssima duquesa Swarga, que não quizera ocupar um trono roubado! Gilberto era o ídolo de todos! Belo como um Apolo, bom como ninguém, audaz e valente até à temeridade, Gilberto merecia bem a adoração que nobres e plebeus lhe tributavam. O príncipe ignorava a ruim conduta de seu pai.

Quando o príncipe Gilberto completou vinte anos, achou-se rei e grão.

Um dia, em que andava visitando os seus estados, alargou-se pelo mar e, ao pôr do sol, achou-se ante a ilha Dejanira.

Jámais visitara aquela ilha e ignorava mesmo que ela existisse. A poética beleza daquele castelo empoleirado nas rochas, despertou a curiosidade do juvenil monarca, que mandou ancorar e arriar um escaler, a despeito do que lhe diziam os fidalgos. Sómente acompanhado de seu velho aio, o rei foi. No castelo reinava tal perturbação que ninguém deu por êles.

O velho rei Humberto estava a expirar. Quando Gilberto entrou na alcova do tio, êste parecia morto e a bellissima princesa Darioleta jazia desmaiada nos braços de duas damas, que choravam amargamente.

O velho aio, que adorava o seu rei e sempre odiara Herman, cujo segredo guardara pelo louco amor que dedicava a Gilberto, caiu de joelhos perto do leito e, sôb solene juramento, narrou toda a verdade ao príncipe, assombrado! O moribundo abriu os olhos ao ouvir o sobrinho exclamar:

— Mas então eu não sou rei!!; Darioleta, infeliz menina, perdôa o mal que inconscientemente te causei!

E, caíndo de joelhos, ergueu para o tio as mãos supplices:

— Perdão, perdão para meu pai! soluçou, angustiadamente.

O generoso rei perdoou ao cunhado e pediu ao sobrinho que guardasse a corôa que ficava melhor nas mãos dêle do que nas de Darioleta, débil donzela. Gilberto aceitou com a condição de que Darioleta seria sua esposa, ao que o rei acedeu com júbilo. Pouco depois a alma do justo subia ao Céu.

O rei Humberto soltara o último suspiro, tendo nas suas mãos de Gilberto e Darioleta. Um nome lhe saiu dos lábios juntamente com o último alento: Dejanira!

(Continua na página 7)

# OS BANDOLEIROS

(Continuação da página 1)

Ante a ingénua pergunta de Milita, Rapina baixou o olhar e não encontrou resposta. Contudo à sua insistência, retorquiu, finalmente o jovem bandoleiro: — «Não, Senhora, perdõe; eu sou também um bândido, um salteador! Nada receie, porém; defende-a a sua beleza e por ela lhe juro que não lhe faremos mal!» e, apontando os próprios companheiros, acrescentou, baixinho: — «Eles são maus, muito maus, mas eu a salvarei; tenha confiança em mim!»

De novo o luar se escondeu para tornar a surgir, fazendo tremer no chão coberto de caruma, a sombra dos pinheiros. De novo o mêncho piou, de novo uma rola brava esvoaçou, assustada, de copa para copa. Entretanto...

Atias chegava a casa, ao grande portão da quinta do papá de Milita.

Branco como um fantasma, com as mãos e as pernas a tremerem, apiou-se da liteira e, alvoraçado, esgazeado, tonto, puxou a argola da sineta, uma grande sineta dependurada à esquerda.

Jacinta, a velha governanta de D. Mafalda, que, já impaciente, aguardava o regresso de Milita, não se fez esperar. Abrindo o portão de par em par, ficou surpreendida ao dar apenas com Atias que, subindo a escadaria de pedra sob um alpendre florido, sem olhar para ela, gritava como um louco: — «o patrão, o patrão?!... O patrão Jorge onde está?!...»

Assomando entre portas, subitamente, Jorge, ao dar com o velho Atias soluçando como uma criança, interrogou-o, aflito:

— «Que tens, que suceden?! Milita...?!»

Mas, embargado pela comoção, o velho cocheiro Atias mal podia falar! Por fim, a muito custo, atabalhoadamente, explicou confuso:

— «Assaltados!... Fomos assaltados... Foi no pinhal da Azambuja... E, aí, a nossa menina entre os bandidos... Patrão, patrão vá buscar uma bolsa... encha-a de moedas de ouro que eu lhe trarei de novo a nossa rica menina!...»

— «Que dizes, homem?!...» gritou Jorge, sacudiendo Atias, numa aflitiva ansiedade, levando as mãos à cabeça. Depois, mesmo em cabelo, tal e qual como estava, correu para a liteira que estacionava ao portão, subiu, e chicoteou os cavalos que, numa brusca corrida, largaram a todo o trote, parando, apenas, três minutos depois, junto à fachada duma casa amarela. Duas pancadas fortes soaram e logo um pequeno trinco se elevou, dando acesso a uma íngreme escada, bastante estreita, cujos degraus rapidamente desapareceram sob os pés do grande capitalista Jorge de Morais que ao deparar, no patamar da escada, com uma criada idosa, perguntou precipitadamente:

— «O senhor administrador do concelho...?!» — «Está a acabar de jantar mas faça favor de entrar que eu vou já preveni-lo da chegada de Vossa Senhoria...» murmurou a solícita serva, acendendo a luz numa pequena saleta e indicando um sofá: — «faça favor de sentar-se!»

Jorge de Morais, porém, conservou-se de pé, sufocando, contendo um nervosismo evidente.

Dez minutos depois, saíam a porta do administrador do concelho, este, seu filho Mário de Souza e Jorge que logo subiram para a liteira.

Mário, um estoiro-vergas e incorrigível boémio, tinha 23 anos e uma louca paixão, embora mal correspondida, pela única filha do grande capitalista. Embora extremamen-





Souza, Jorge e três criados d'êste, que seguiam o mesmo rumo de Atias em perseguição dos bandidos,

Decorrida hora e meia, Atias entrava no pinhal, afim de resgatar Milita, conforme prometera, certo de que, a meio quilômetro de distância, a sua escolta o seguia para a grande batida, quando, êle já de regresso, com a sua rica menina, viesse a caminho do solar e já lha não pudessem novamente roubar. Mas. . . .

te ousado, audacioso e valente, Mário era, no entanto, bastante gabarola e mesmo zaragateiro. Pouco escrupuloso em suas companhias, tornava-se freqüente a sua camaradagem com ociosos ou gente de mau porte.

Valia-lhe sempre a sua condição de filho do senhor administrador para a imunidade dos seus actos e a irresponsabilidade das suas loucas proesas, quasi sempre condenáveis e sôb a alçada dos códigos. Por tudo isto, ansioso por vê-lo morigerar-se e pela grande fortuna do pai de Milita, o pai de Mário, sabedor da sua inclinação, várias vezes afagara, com entusiasmo, a idéa de seu filho vir a casar com a futura herdeira do capitalista.

Mário, seu pai e Jorge paravam, agora, ao portão da quinta, para lá do qual o velho Atias contava, ainda, profundamente emocionado, ao jardineiro, criados e moços de lavoura, o grande acontecimento.

Só Jorge se apiou da liteira e dirigindo-se, de passagem, ao seu pessoal, bradou num desafio:

— Rapazes! . . . Quem quizer participar esta noite, duma grande batida aos salteadores do pinhal, monte a cavallo e dirija-se já à administração do concelho, a juntar-se a um piquete da guarda nacional. Por cada salteador que conseguirem matar, receberão cem moedas.

E, dizendo isto, Jorge entrou em casa, donde saíu, momentos depois, trazendo um pequeno sacco cheio de moedas de ouro.

Ao chegar de novo, ao estribo da liteira, chamou o velho Atias:

— Sobre!

Mais dez minutos decorridos e todos se apiaram à porta da administração, donde, um quarto de hora após, partia, só, na liteira, o velho cocheiro Atias com o respectivo sacco de moedas e várias instruções dadas por Jorge e pelo administrador. Quando a liteira desaparecia já ao fundo da estrada, pôs-se em marcha o grande cortejo constituído pelo piquete da guarda nacional, dez praças a cavallo, Mário de

È nas almas vis, é nos máus que existe a maior astúcia. E a astúcia é a inteligência do crime. Mais uma vez falharam os cálculos do administrador e as previsões de Jorge, pois receando a natural desforra, o consequente ataque da policia, os salteadores haviam colocado vigias ocultos nas copas dos pinheiros às embocaduras da estrada que atravessava o pinhal.

«Veneno» e «Pé-de-Cabra» estavam, pois, de sentinela, em seus postos, o primeiro à extremidade norte e o segundo à extremidade sul do caminho. Quando, portanto, Atias mergulhava na sombra do pinhal, mal sonhava, coitado, que já havia sido visto por um dos ferozes bandoleiros.

Passados cinco minutos, já o temível bando dos salteadores notara a presença de Atias e avançara em massa, levando entre êles a cativela Milita.

Quando, porém, se aproximaram da liteira, dispostos a restituirem Milita, a trôco dum sacco de ouro, um estridente assobio ressoou e ecoou na solidão da noite. Era o sinal de alarme, combinado. «Veneno» vira deslizar, sôb a copa em que estava oculto, a cavalgada que vinha em perseguição dos seus.

«Barba-Azul» — o chefe — desesperado, embora já tivesse restituído Milita e recebido o preço do resgate, correu para a liteira, já a caminho do solar, tornou a raptar Milita e deu uma coronhada na cabeça de Atias que o estatelou por terra: — «Ah, traidor, que nem mereces que eu gaste uma bala! . . .»

Entretanto, ao fundo da estrada, surgiu, de chofre, a força armada, dirigida por Jorge e Mário de Souza que, de

(Continua na página 8)

# PARA OS MENINOS E MENINAS RECITARE



## Tristezas de Bêbé

Por Graciette Branco de Santa-Rita

: Desenho de Eduardo Malta :

Ora esta! Ora esta!  
Bêbé não pode ir á festa!...

Tanta gente! Tanto povo!  
Alegrias de Bêbé!  
E Bêbé com fato novo,  
e sapatos e bonet!

Já sua mamã tirara,  
da gaveta onde arrumara,  
dias antes,  
o fato novo á maruja  
de botões muito brilhantes!

Bêbé não pinga, não suja,  
o seu fatinho adorado!  
Tem sempre muito cuidado  
com seu fatinho á maruja!

E agora  
que ia tão lindo,  
ai tão lindo,  
para a festa,

Cobre-se o Céu, hora a hora,  
de núvens densas, escuras,  
e do Sol, pelas alturas,  
apenas saudade resta!

Bêbé tem contado os dias!  
Tem contado hora por hora,  
e por cada nova Aurora  
eram novas Alegrias!

Com olhinhos muito abertos,  
tem seguido, vigilante,  
os ponteirinhos bem certos  
do relóginho da estante.

E sempre, toda a manhã,  
quando a mamã  
vinha vê-lo,  
vinha ergue-lo,  
lhe dizia,  
enleando-lhe o pescoço,  
todo cheio de alvoroço:  
— Ai! Já passou mais um dia!...

Mas agora  
quási chora...  
Cai a chuva na vidraça  
e toda a gente que passa  
vai a correr, apressada!...

O que valeu ao Bêbé,  
andar a contar os dias,  
sentir tantas Alegrias,  
comprar sapatos, bonet?!

Ai! Não valeu para nada!

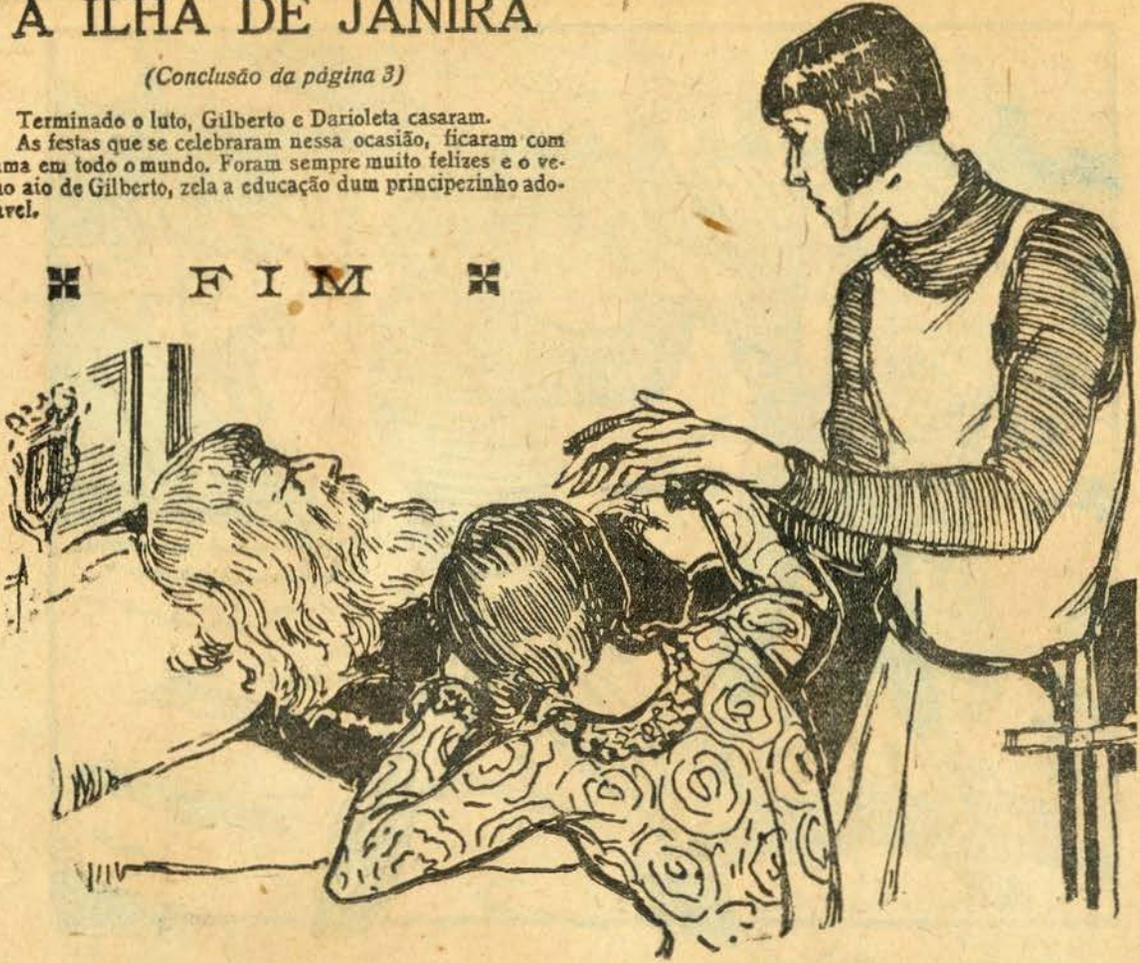
F I M

# A ILHA DE JANIRA

(Conclusão da página 3)

Terminado o luto, Gilberto e Darioleta casaram. As festas que se celebraram nessa ocasião, ficaram com fama em todo o mundo. Foram sempre muito felizes e o velho aio de Gilberto, zela a educação dum príncipezinho adoravel.

✠ F I M ✠



## HORA DE RECREIO

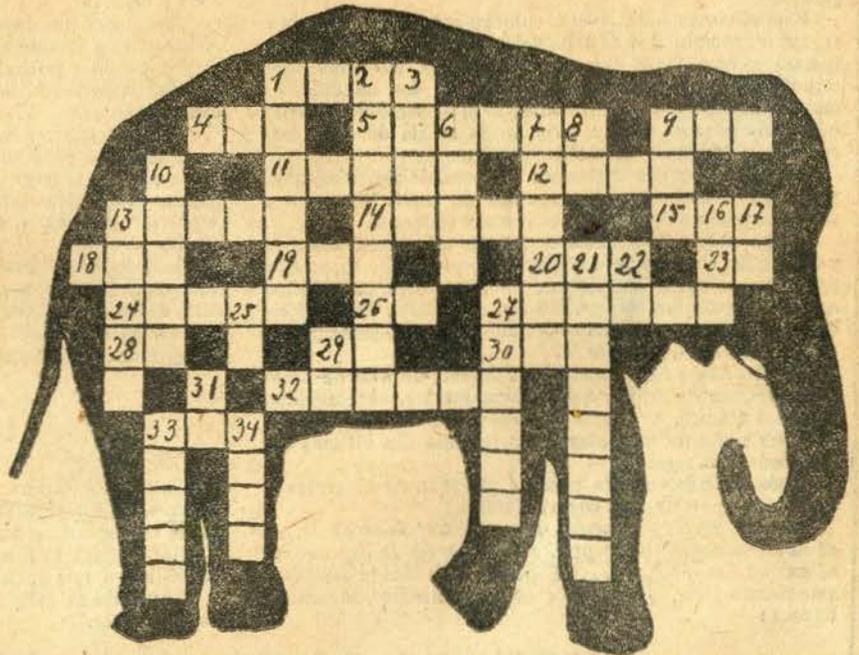
### HORIZONTALMENTE

1, Ave; 4, Marca de automovel; 5, Uma das cinco partes do mundo; 9, Soberano dum estado monarcha; 11, Ave; 12, número; 13, pano de lã felpudo; 14, contrario de mulher; 15, Artigo francês; 18, colarinho em francês; 19, contrario de noite; 20, meia em francês; 23, nota musical; 24, cobertura da cabeça das crianças; 26, proposição; 27, Loisa tumular; 28, carta de jogar; 29, contracção da proposição a e o artigo ó; 30, Fileira; 32, Lisboa em Inglês; 33, Ruminante.

### VERTICALMENTE

1, com que se limpa o calçado; 2, Parte superior e exterior d'uma casa; 3, metal precioso; 6, habitação das pombas; 8, Interjeção; 9, livro dos acantos; 10, Fibras grossas que correm sobre as folhas das plants; 16, pronome pessoal; 17, Adjectivo possessivo francês; 21, Bufete onde se põe o necessário para o serviço de mesa; 22, Nota musical; 25, Adjectivo demonstrativo francês; 27, Língua em Francês; 31, Laço que se aperta difficilmente; 33, Construir em francês; 34, Utilizado em francês.

### Palavras cruzadas



Antonio Calado



# OS BANDOLEIROS

(Continuação da página 5)

pistolas em punho, avançavam velozmente, em desenfreado galope.

Rapina correu para Milita, colocou-a no arçõ da sela e seguiu o exemplo dos companheiros que disparando tiros, fugiam a bom fugir. De tal maneira que, passados vinte minutos, os perseguidores não tinham já dos bandidos os mais leves sinais. Voltaram atrás, afim de socorrerem Atias que áuma póca de sangue, dava ainda sinais de vida, torcendo se e gemendo, angustiadamente.

A duas léguas de distância, os bandoleiros, ofegantes, pela fuga desordenada, acampavam de novo, limpando o suor e rogando pragas ao desventurado cocheiro.

«Barba-Azul», subitamente, tomado de cólera, avançou para Milita, erguendo a coronha da espingarda, disposto a agredi-la: — «Por tua causa, maldita, nos esfalfamos agora!» desabafou furioso. Mas, estoicamente, com soberba altivez, Rapina pôs-se de permeio, rugindo ameaçador: — «Se lhe tocas, mato-te!»

«Barba-Azul» fica boquiaberto. Aquela atitude de acérrimo defensor de Milita, que Rapina tomára, subitamente, deixou-o atónico, sem bem perceber que espécie de interesse elle podia ter em defender assim uma das vítimas dos seus inúmeros assaltos.

Após um momento de pasmo, pôs-se a rir alvarmente, e, por fim, motejou com suprema ironia:

— «Ah, ah!... Descança, morgado! Queres ir pedi-la em casamento ao pai?! Pois eu já te digo como se ensina um fidalgo!...» e, pondo dois dedos na boca, assobiando forte, gritou para os companheiros, indicando Rapina:

— «Juntai-vos todos, rapazes! Um traidor!... Vamos a elle...»

Mas, antes que concluisse a frase, Rapina, saltou com Milita para a sela do seu cavallo que, esporeado com alma, largou a todo o galope, sumindo-se entre os pinheiros.

«Barba-Azul», furioso, gritou para os seus companheiros, espumando ódio:

— «Amigos, um bom prêmio a quem os apanhar!»

Logo todos, dirigindo-se para as montadas arranchadas sôb a copa mais larga dum pinheiro, e saltando, ligeiros, para as respectivas selas, seguiram em perseguição dos dois fugitivos, Rapina e Milita, cujo cavallo era o que mais corria.

Quando este transpôs o pinhal e tomou a direcção do Vale de Santa Iria, sem ser alcançado pelos perseguidores, estes desistiram do seu intento e resolveram voltar, desanimados, para junto de «Barba-Azul» que, impacientemente, os aguardava, sequioso de vingança.

Entretanto Rapina já livre dos seus perseguidores, fazia parar o seu fogoso cavallo, a fim de descansar Milita, junto d'ua ribeira no verdejante Vale de Santa-Iria.

Um luar maravilhoso, inundava da sua luz alvissima e purissima, o vale encantador.

Extasiado na graça imensa de Milita, Rapina não tirava os olhos dela.

(Continua no proximo número)